



PERCEPÇÃO DE DISCENTES DE ENFERMAGEM SOBRE A COMUNICAÇÃO COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS E AUDITIVAS

PERCEPTION OF NURSING STUDENTS ON THE COMMUNICATION WITH PEOPLE WITH VISUAL AND HEARING DISABILITIES

PERCEPCIÓN DE ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA SOBRE LA COMUNICACIÓN CON PERSONAS PORTADORAS DE DEFICIENCIAS VISUALES Y AUDITIVAS

Eugenio Pacelli Sitonio Trigueiro Filho¹, Juliana Paiva Góes da Silva², Fabiana Ferraz Queiroga Freitas³, Salmana Rianne Pereira Alves⁴, Kátia Neyla de Freitas Macedo Costa⁵

RESUMO

Objetivo: conhecer a percepção de discentes de enfermagem sobre suas habilidades de comunicação com pessoas com deficiências visuais e auditivas. **Método:** estudo de natureza descritivo-exploratória, com abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, realizado com discentes de três instituições de ensino superior da Paraíba. O instrumento de coleta de dados foi um roteiro semiestruturado. O procedimento para coleta de dados foi a entrevista, e a análise ocorreu por meio da técnica da análise de conteúdo. O projeto foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem e Medicina Nova Esperança, sob CAAE: 0031.0.351.000-10. **Resultados:** identificaram-se três categorias: Necessidade de aprender a comunicar-se com pessoas com deficiências visuais e auditivas; Experiências pessoais em comunicação junto a pessoas com deficiências visuais e auditivas; Habilidades para se comunicar adequadamente com pessoas com deficiências visuais e auditivas. **Conclusão:** os acadêmicos não se sentem preparados para estabelecer uma comunicação eficaz com essas pessoas. **Descritores:** Comunicação em Saúde; Assistência Integral à Saúde; Cuidados de Enfermagem; Assistência Individualizada de Saúde.

ABSTRACT

Objective: to know the perception of nursing students on their communication skills with people with visual and hearing disabilities. **Method:** this is an exploratory and descriptive study, with a qualitative approach, case study type, conducted with students of three higher education institutions from the Paraíba state. The instrument for data collection was a semi-structured script. The procedure for data collection was the interview, and the analysis took place through the content analysis technique. The project was examined and approved by the Ethics Research Committee from the *Faculdade de Enfermagem e Medicina Nova Esperança* (FAMENE), under CAAE: 0031.0.351.000-10. **Results:** three categories were identified: Need to learn to communicate with people with visual and hearing disabilities; Personal experiences in communication with people with visual and hearing disabilities; Skills to appropriately communicate with people with visual and hearing disabilities. **Conclusion:** academics do not feel prepared to effectively communicate with these people. **Descriptors:** Health Communication; Integral Health Assistance; Nursing Care; Personal Healthcare Service.

RESUMEN

Objetivo: conocer la percepción de estudiantes de enfermería sobre sus habilidades de comunicación con personas portadoras de deficiencias visuales y auditivas. **Método:** estudio de naturaleza descriptiva-exploratoria, con abordaje cualitativo, de tipo estudio de caso, con alumnos de tres instituciones de enseñanza superior de Paraíba (Brasil). El instrumento de reunión de datos fue un guión semi-estructurado. El procedimiento para recabar los datos fue la entrevista y el análisis se produjo por medio de la técnica de análisis del contenido. El proyecto se apreció y aprobó por el Comité de Ética en Investigación de la Facultad de Enfermería y Medicina Nueva Esperanza, CAAE: 0031.0.351.000-10. **Resultados:** se identificaron tres categorías: necesidad de aprender a comunicarse con personas portadoras de deficiencias visuales y auditivas; experiencias personales en comunicación con personas portadoras de deficiencias visuales y auditivas; habilidades para comunicarse adecuadamente con personas portadores de deficiencias visuales y auditivas. **Conclusión:** los académicos no se sienten preparados para establecer una comunicación eficaz con estas personas. **Descritores:** Comunicación en Salud; Asistencia Integral a la Salud; Cuidados de Enfermería; Asistencia Individualizada de Salud.

¹Enfermeiro, Docente da Escola de Enfermagem Nova Esperança; João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: eugenio_trigueiro@hotmail.com; ²Enfermeira, Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: julianapaiva5@gmail.com; ³Enfermeira, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: fabianafqf@hotmail.com; ⁴Enfermeira, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências da Educação. CINTEP. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: sal_rienne@yahoo.com.br; ⁵Enfermeira. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Clínica (DENC) e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: katianeyla@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

As pessoas com deficiência necessitam de ambiente adaptado para desenvolverem suas atividades e interagirem com outras pessoas nos diferentes espaços sociais. A relevância social das deficiências, em especial as deficiências visuais e auditivas, perpassa o setor saúde e abrange a sociedade de uma forma geral, uma vez que essas pessoas possuem limitações que podem impedir a interação com a sociedade.¹

Percebe-se um aumento no nascimento de crianças prematuras extremas, as quais podem ficar com sequelas, geralmente resultando em deficiências de caráter neuromotor ou sensorial. Outros fatores considerados de risco para o surgimento de deficiências podem ocorrer nas demais fases do ciclo vital, tais como, iatrogenias, doenças crônico-degenerativas, violência urbana e alterações decorrentes de Acidente Vascular Encefálico.²

Dados revelam que no Brasil há 148 mil pessoas com deficiência visual, apontando o Nordeste como a região de maior índice, e o Sudeste com menor índice, sendo, respectivamente, 16,8% (57.400) e 13,1% (54.600).³ Essa mesma fonte sinaliza a existência de 166.400 pessoas com deficiência auditiva. Diante desses dados, ressalta-se a necessidade de preparar os discentes de enfermagem para prover assistência às pessoas com deficiências visuais e auditivas.

Define-se deficiência como toda anormalidade ou perda de estruturas, funções psicológicas, fisiológicas ou anatômicas que gerem incapacidade para o desenvolvimento de atividades dentro de padrões considerados normais para o ser humano.⁴ Dentre os tipos de deficiências, destacam-se nesse estudo as deficiências visuais e auditivas. No que se refere à deficiência visual, esta pode ser classificada de acordo com o grau de comprometimento da acuidade visual, como cegueira e visão subnormal. No que diz respeito aos graus da deficiência auditiva, a perda da audição pode ser leve, moderada, severa ou profunda.⁵

Concernente às doenças que podem resultar em deficiências, a deficiência visual apresenta como causas mais comuns: degeneração macular, glaucoma, catarata, retinopatia diabética, doenças inflamatórias, distúrbios genéticos e lesões;⁶ já a deficiência auditiva pode apresentar, como agentes etiológicos: causas desconhecidas, rubéola materna, genética, prematuridade, dentre outros fatores.⁷

Cabe ressaltar que a comunicação com pessoas com deficiências visuais e auditivas possui barreiras que, muitas vezes, dificultam esse processo, uma vez que os órgãos dos sentidos, que compõem os canais de transmissão e recepção de mensagens durante a interação, estão comprometidos.⁸ Contudo, essas pessoas fazem parte da sociedade, devendo ter seus direitos respeitados.

No entanto, muitas vezes, o direito à saúde não é atendido integralmente em decorrência da falta de recursos, bem como do despreparo dos profissionais da área. Sendo assim, os discentes devem desenvolver habilidades, durante sua formação, que permitam que a relação com o ser cuidado ocorra de forma eficaz durante o atendimento de saúde.⁹

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo conhecer a percepção de discentes de enfermagem sobre suas habilidades de comunicação com pessoas com deficiências visuais e auditivas.

MÉTODO

Estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, desenvolvido com discentes de três instituições de ensino superior, sendo uma pública e duas privadas, durante o período de setembro a outubro de 2010, na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. Na cidade, existem nove escolas de enfermagem, no entanto, apenas três aceitaram participar.

Os discentes, de ambos os sexos, foram selecionados para a entrevista de forma intencional, atendendo os critérios de seleção, compondo a amostra de 30 discentes. Os critérios de seleção foram: estar cursando o último período da graduação, encontrar-se devidamente matriculado nas referidas instituições; estar presente no local da coleta de dados; ter disponibilidade, aceitar participar do estudo e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Destaca-se que o direcionamento para os discentes de enfermagem do último período deve-se à preocupação no que concerne à sua formação e à comunicação com pessoas com deficiências visuais e auditivas. Tal inquietação ainda é pouco explorada na literatura de enfermagem no Brasil, conseqüentemente, isso torna a temática emergente na formação profissional.¹⁰

Para a condução do estudo, foram contempladas todas as normas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.¹¹ O projeto foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de

Enfermagem e Medicina Nova Esperança (FAMENE), sob protocolo nº 155/2010 e CAAE: 0031.0.351.000-10. Para manter o anonimato e preservar a identidade dos participantes, estes foram identificados com a letra E, seguida de números sequenciais correspondentes à ordem que as entrevistas se realizaram.

A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevista com roteiro semiestruturado, contendo itens relativos à idade e ao sexo, tendo como questão norteadora a seguinte pergunta: você se sente habilitado(a) para se comunicar com uma pessoa que possui deficiência visual ou auditiva? Justifique.

As entrevistas foram gravadas pelos autores, utilizando-se um gravador de voz digital. Em seguida, as falas foram transcritas na íntegra para o computador, possibilitando uma melhor análise do conteúdo. Cabe evidenciar que o material coletado passou por correções linguísticas, sem suprimir o caráter espontâneo das falas. Os arquivos contendo essas falas estão salvos no formato WAV, totalizando 705 minutos de entrevista que correspondem a uma média de 23,5 minutos por entrevista.

A análise de conteúdo efetivou-se com o encontro dos autores em ambiente adequado, com recursos necessários para a realização das leituras. Os textos transcritos foram impressos e disponibilizados aos autores que, posteriormente, discutiram as informações para fazer a interpretação dos dados. Nessa etapa, foram realizadas leituras e releituras do material coletado, com a finalidade de identificar os indicadores que orientaram a essência das falas, na busca de contemplar os objetivos da pesquisa, sistematizando os dados registrados. Estes foram interpretados a fim de obter a compreensão do texto para a estruturação dos elementos que deram origem às categorias correspondentes ao conteúdo referente às especificações do tema. O agrupamento dos dados permitiu a formação de categorias que foram explanadas, buscando compreender a essência de cada uma delas a partir das falas dos participantes, levando a reflexões sobre a temática do estudo, consubstanciando com a literatura pertinente.¹²

Após a realização dessas etapas, foram definidas as seguintes categorias << **Necessidade de aprender a comunicar-se com pessoas com deficiências visuais e auditivas** >>; << **Experiências pessoais em comunicação junto a pessoas com deficiências visuais e auditivas** >>; << **Habilidades para se comunicar**

adequadamente com pessoas com deficiências visuais e auditivas >>.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentam-se, a seguir, as categorias elaboradas a partir dos dados coletados durante a pesquisa, que permitiram conhecer a percepção de discentes de enfermagem sobre suas habilidades de comunicação com pessoas com deficiências visuais e auditivas. Considerando a saturação dos dados, serão expostas as falas mais pertinentes dos 30 entrevistados, seguindo o referencial metodológico para caracterização das falas, conforme descrito anteriormente.

Concernente à caracterização dos participantes da pesquisa, os discentes inseridos na pesquisa encontravam-se na faixa etária entre 21 e 32 anos. No que se refere ao sexo, 29 (96,67%) eram do sexo feminino, e um (3,33%) era do sexo masculino.

• Categoria 1: Necessidade de aprender a comunicar-se com pessoas com deficiências visuais e auditivas

A primeira categoria evidencia a necessidade dos discentes em aprender a se comunicar para que possam interagir adequadamente com as pessoas com deficiências visuais e auditivas. O conhecimento acerca da comunicação subsidia a prática assistencial, possibilitando a interação entre os futuros profissionais e essas pessoas, contribuindo para a qualidade da mesma.

[...] nós temos que aprender a nos comunicar com todas as pessoas, principalmente com aquelas que têm limitações em criar essa relação [...] (E3).

[...] a forma com que nos comunicamos é que faz com que a assistência, no nosso caso, seja mais bem prestada [...] então é importante que a gente saiba se comunicar com pessoas com deficiência, pois elas merecem e têm o direito de saber sua patologia (E7).

[...] é importante que desde a graduação nós tenhamos esse conhecimento [...] pois a área da saúde é muito abrangente [...]. (E10).

A Comunicação é o processo de transmitir e receber mensagens durante as relações humanas que permeiam as fases da vida. Todo ser humano utiliza a comunicação para expressar suas percepções e sentimentos, buscando atender suas necessidades, sejam elas físicas, psíquicas ou emocionais. De acordo com a realidade de cada pessoa, deve-se adequar esse processo para que as mensagens transmitidas possam ser

Trigueiro Filho EPS, Silva JPG da, Freitas FFQS et al.

Percepção de discentes de enfermagem sobre...

compreendidas efetivamente, tornando possível a formação de vínculo na relação interpessoal.¹³⁻⁵

No que se refere à assistência de enfermagem, observa-se que o cuidar depende da interação estabelecida entre cuidador e ser cuidado, considerando as possíveis limitações apresentadas durante a relação, que podem configurar entraves no processo comunicativo. Desse modo, faz-se necessário considerar os aspectos da comunicação, visando desenvolver uma assistência adequada.

Duas das barreiras identificadas na interação durante o cuidar em saúde são as deficiências visuais e auditivas. Estas resultam de alterações nos órgãos dos sentidos, canais essenciais para a troca de informações. Frente a estas limitações, cabe ao enfermeiro desenvolver estratégias que superem essas dificuldades, permitindo a interação com os pacientes.^{1,16}

O desenvolvimento dessas competências precisa estar presente na formação profissional, uma vez que as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem determinam que as habilidades de comunicação devem fazer parte do perfil dos profissionais e discentes. Adquirindo esse perfil, o profissional será capaz de lidar com as diversas limitações do processo comunicativo, podendo, portanto, compreender as informações fornecidas pelo ser cuidado, para assim, orientar as pessoas quanto ao seu estado de saúde, esclarecer intervenções empregadas na terapêutica, visando à implementação da assistência de enfermagem que deve priorizar a promoção da saúde e prevenção de doenças.^{4,8}

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem determinam que a formação do enfermeiro deve atender às necessidades de saúde de forma individualizada e humanizada, levando em consideração os aspectos relacionados ao ser humano. Para isso, o enfermeiro lança mão de competências e habilidades de comunicação para melhor se relacionar com as pessoas.¹⁷

As falas abaixo apontam que, assim como todo ser humano, aqueles com deficiências visuais ou auditivas expressam a necessidade de comunicar-se e, para tal, faz-se necessário que o profissional de enfermagem esteja habilitado para garantir um cuidado livre de preconceitos e/ou discriminações, pautado na qualidade do serviço prestado.

[...] temos que garantir um atendimento igualitário, tanto para quem possui

deficiência quanto para quem não tem, porque todos têm o direito a um atendimento digno (E12).

[...] pessoas com deficiências visuais e auditivas [...] precisam se expressar, e nós precisamos entender para atender da melhor forma possível (E15).

Todas as pessoas têm direito à saúde, sendo de responsabilidade dos gestores e profissionais oferecer as condições para que os serviços de saúde realizem uma assistência igualitária e acessível. Sabe-se, porém, que as pessoas com deficiências visuais e auditivas encontram obstáculos que dificultam o acesso a esse setor, principalmente no que se refere à comunicação entre eles e os profissionais de saúde.¹⁶

Nessa perspectiva, o Ministério da Saúde elaborou um manual direcionado a médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde, recomendando a inclusão social das pessoas com deficiências como meta mais abrangente, na atenção primária, secundária e terciária, de forma integral e contínua, devendo o enfermeiro implementar ações que facilitem a acessibilidade, garantam a proteção da saúde e previnam o aparecimento de agravos.¹⁸ Diante disso, é evidente a necessidade de adaptação dos serviços de saúde para atender as pessoas com deficiências visuais e auditivas, valorizando a interação com os mesmos.

• Categoria 2: Experiências pessoais em comunicação junto a pessoas com deficiências visuais e auditivas

A segunda categoria descreve que as experiências pessoais influenciam no desenvolvimento de habilidades para se comunicar com pessoas que apresentam deficiências visuais e auditivas. Segundo alguns discentes, essas experiências ajudam a adquirir confiança no processo de comunicação, aproximando-os da realidade e permitindo uma elucidação das limitações dessas pessoas, tornando-os mais preparados para enfrentar as diversidades.

As falas a seguir referem-se às oportunidades de comunicação que os participantes do estudo vivenciaram junto a pessoas com deficiências visuais e auditivas.

[...] aos meus 16 anos, namorei uma pessoa que tinha deficiência auditiva [...] aos poucos, comecei a me interessar com o alfabeto deles [...] hoje, na Enfermagem, tive a curiosidade e procurei me capacitar nessa área [...] (E18).

Na minha família tem uma pessoa com deficiência auditiva [...] não consigo me comunicar direito [...] tenho que perguntar

a mãe e ao pai dele o que ele está querendo... tenho muita dificuldade (E23).

É possível perceber que as experiências com pessoas com deficiência auditiva geram conflitos, uma vez que os discentes percebem não saber interagir com as mesmas, fato que desperta a busca por capacitação para que possam vencer suas próprias limitações de comunicação.

O enfermeiro, ao se relacionar com a pessoa com deficiência, pode encontrar barreiras que dificultam a comunicação, o que sugere a necessidade da participação da família para o estabelecimento da interação. Porém, o atendimento de saúde deve garantir o sigilo e manter a privacidade do ser cuidado, o que pode não acontecer se o familiar intervier na interação da pessoa com deficiência e o profissional. Com isso, apesar da dificuldade em se relacionar com essas pessoas, elas não podem deixar de ser assistidas, priorizando, assim, a inclusão destas na sociedade para garantir seus direitos, principalmente o direito à saúde.¹⁹⁻²⁰

[...] eu tinha um tio com deficiência visual [...] quando eu era criança, tinha que estar o tempo todo ajudando ele a caminhar, até ele reconhecer a casa toda [...] e essa experiência me ajudou muito até hoje (E27).

[...] uma vez administrei um anticoncepcional em uma pessoa com deficiência auditiva numa unidade básica de saúde [...] para mim foi difícil, pois não tinha tido nenhuma experiência [...] só que no posto ninguém se comunicava com ela, pois ela só chegava, recebia a medicação e depois ia embora [...] (E30).

Diante das falas acima, evidenciou-se que o enfermeiro deve se adaptar à pessoa com deficiência e não esta ao profissional. Para que isso aconteça, os discentes não devem propagar a falha do serviço relacionada à falta de interação com essas pessoas, mas precisam lançar mão de ações, ajudando-as a superar suas limitações.

No que se refere às pessoas com deficiência visual, o profissional deve ajudá-las, por exemplo, na sua localização e reconhecimento da unidade, assim como garantir sua educação em saúde. Em relação às pessoas com deficiência auditiva, é evidente a necessidade de orientar quanto aos benefícios do procedimento realizado e esclarecer dúvidas, pois, se o discente só fornece o medicamento e não informa sobre aspectos relacionados à saúde, isso pode impedir o retorno do usuário ao serviço, gerando consequências para a saúde do mesmo.

● Categoria 3: Habilidades para se comunicar adequadamente com pessoas com deficiências visuais e auditivas

A terceira categoria foi elaborada a partir das falas dos participantes que referem não possuir habilidades para uma interação efetiva, sendo necessário o aprendizado do conhecimento que permita a comunicação com pessoas com deficiências visuais e auditivas. O ensino dessas habilidades oferece segurança para o discente desempenhar o atendimento a essas pessoas, influenciando na melhoria da qualidade da assistência, através do emprego de estratégias que direcionam o agir de acordo com cada tipo de deficiência.⁷⁻⁸

Abaixo segue uma fala que remete a uma forma de comunicação utilizada na interação com pessoas com deficiência auditiva, dada a ausência da linguagem falada, necessitando o uso de expressões corporais e faciais.

Tentaria me comunicar por mímicas [...] as dificuldades seriam tamanhas (E22).

Foi possível identificar que a maior dificuldade de comunicação na relação com a pessoa com deficiência auditiva é a ausência do código verbal, que pode ser substituído pela Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), pouco desenvolvida pelos enfermeiros. Como estratégia que facilita a interação entre profissionais e pessoas com essa deficiência, destaca-se a utilização da comunicação não verbal realizada por mímicas ou leitura labial, e a comunicação escrita, cujo uso depende da escolaridade da pessoa. No entanto, o uso da comunicação não verbal requer um cuidado maior na compreensão dos sinais, ou seja, necessita-se de cautela ao interpretar os gestos, expressões faciais e corporais, visando a um desempenho satisfatório no relacionamento interpessoal.^{1,10,20}

Quanto à assistência à pessoa com deficiência visual, utilizam-se ações que exploram a comunicação verbal e o estímulo dos outros sentidos, visto que a perda da visão aguça os demais sentidos, os quais necessitam ser explorados. Os sentidos do tato, olfato e audição desempenham uma função importante na dinâmica de sua orientação no ambiente onde esta se encontra. Destaca-se, portanto, a importância de descrever o ambiente físico, orientá-lo nesse espaço e fazer o reconhecimento do local pelo uso do tato, durante sua primeira visita, a fim de facilitar sua locomoção para que haja uma relação de confiança entre profissional de saúde e ser cuidado.

No que concerne à assistência, o enfermeiro deve informar quanto à finalidade do cuidado, descrever o momento em que

este acontecerá e o que está sendo realizado, bem como fornecer materiais em braille, dedicando atenção ao paciente, como forma de melhor compreendê-lo e ser compreendido. A linguagem em braille pode ser entendida como um sistema de pontos perceptíveis pelo tato, que representam os elementos da linguagem²¹, porém de difícil acesso, requerendo treinamento para utilizá-la.

A deficiência remete à necessidade de o enfermeiro adequar-se à transmissão das informações conforme cada paciente. A busca pela estratégia adequada envolve o uso de materiais apropriados para cada tipo de deficiência, de modo que possam auxiliar a compreensão desse profissional em questão. Podemos citar, como exemplos, álbuns seriados, cartazes, cartilhas didáticas adaptadas, utilizadas para oferecer orientações e informações que instigam o retorno do paciente ao serviço de saúde, proporcionando uma continuidade da assistência às necessidades identificadas e na educação em saúde.^{1,20,22}

Segundo alguns participantes do estudo, a comunicação com pessoas com deficiência visual é menos conflituosa, uma vez que é possível utilizar a linguagem verbal como mecanismo de comunicação, tornando mais fácil e clara a interação entre o enfermeiro e o ser cuidado.

[...] não, só o básico mesmo que daria para me comunicar com essas pessoas [...] com a pessoa com deficiência visual seria mais fácil, pelo uso da linguagem verbal, mas com deficiência auditiva, não [...] (E3).

[...] pessoas com deficiência visual, sim, mas com deficiência auditiva, não. Preciso fazer um curso e melhor me qualificar na língua deles [...] (E20).

No tocante à pessoa com deficiência auditiva, os discentes apresentam-se inseguros em relacionar-se com os mesmos, por não possuírem habilidades para utilizar a língua de sinais de maneira a transmitir informações acerca de sua saúde. Esse problema está associado à falta de formação durante a graduação, à dificuldade de fornecer aos discentes capacitação em LIBRAS, assim como à ausência de oportunidades de se relacionar com essas pessoas durante estágios curriculares.²¹

Não, não me sinto [habilitado(a)], porque não tenho nenhuma capacitação voltada para me comunicar com pessoas com essas deficiências [...] (E17).

Não, por nunca ter passado por essa experiência, seria difícil dizer que estaria habilitado para me comunicar [...] (E10).

As habilidades em comunicação visam ajudar na decodificação das mensagens transmitidas de forma verbal e não verbal, visando à compreensão das informações fornecidas pela pessoa com deficiências visuais e auditivas. O profissional de saúde deve aprender estratégias de se relacionar eficazmente, garantindo assim a acessibilidade das pessoas com deficiências visuais e auditivas ao atendimento à saúde e proporcionando uma assistência de acordo com suas reais necessidades.

CONCLUSÃO

Este estudo demonstrou que alguns discentes de enfermagem relatam não possuírem habilidades para se comunicar com pessoas com deficiências visuais e auditivas, e expõem a necessidade de adquirir o conhecimento acerca dessas habilidades durante a graduação. Outros, porém, desenvolvem estratégias que podem proporcionar a comunicação, em situações específicas, decorrentes de experiências pessoais, mas que não garantem uma comunicação eficaz.

Essa lacuna faz com que os graduandos hesitem em interagir com essa população, podendo aumentar consideravelmente as barreiras de comunicação no atendimento à saúde, uma vez que esses discentes serão futuros profissionais inseridos no mercado de trabalho, porém sem habilidades para atender essas pessoas. Vale destacar que a eficácia da comunicação ocorre quando são utilizadas habilidades de maneira consciente, as quais devem ser proporcionadas durante a formação profissional, com vistas a garantir a inclusão de pessoas com deficiências visuais e auditivas na assistência à saúde.

Espera-se que os resultados deste estudo induzam a uma consciência crítica e reflexiva, de modo a influenciar a formação do enfermeiro em comunicação, com vistas a minimizar as barreiras desse processo e ressaltar o acesso das pessoas com deficiências visuais e auditivas, propiciando uma nova abordagem do processo assistencial e buscando a promoção da saúde e a acessibilidade dessas pessoas.

A maior limitação deste presente estudo foi a coleta de dados, pois, por cursarem o último período da graduação, os discentes estavam em campo de estágio. Assim, o encontro com os participantes do estudo restringiu-se aos dias de reunião da turma ou de orientação para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

REFERÊNCIAS

1. Pagliuca LMF, Regis CG, França ISX de. Análise da comunicação entre cego e estudante de enfermagem. Rev bras enferm [Internet]. 2008 May/June [cited 2012 August 10];61(3):[about 5 p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n3/a03v61n3.pdf>
2. Arruda DC, Marcon SS. Experiência da família ao conviver com sequelas decorrentes da prematuridade do filho. Rev bras enferm [Internet]. 2010 July/Aug [cited 2012 August 8]; 63(4):[about 7 p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n4/15.pdf>
3. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo [Internet] Rio de Janeiro: atualizada em 2010 [cited 2012 Aug 21]. Available from: <http://www.ibge.gov.br>
4. Castro SS de, César CLG, Carandina L, Barros MBA, Alves MCGP, Goldbaum M. Deficiência visual, auditiva e física: prevalência e fatores associados em estudo de base populacional. Cad saúde pública [Internet]. 2008 Aug [cited 2012 Aug 8];24(8):[about 9 p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n8/06.pdf>
5. Ministério da Saúde (Brasil). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. A pessoa com deficiência e o Sistema Único de Saúde 2nd ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2007. 1-16p.
6. Quinn GE. Retinopatia da prematuridade no Brasil: um problema emergente. J Pediatr Biochem [Internet]. 2007 May/June [cited 2012 August 8]; 83(3): [about 3p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v83n3/v83n3a01.pdf>
7. Calhau CMDF, Lima Júnior LRP, Reis AMCS, Capistrano AKB, Lima DVSP, Calhau ACDF, et al. Etiology profile of the patients implanted in the cochlear implant program. Braz J Otorhinolaryngol [Internet]. 2011 Jan/Feb [cited 2012 August 4];77(1):[about 6p]. Available from: http://www.scielo.br/pdf/bjorl/v77n1/en_v77n1a03.pdf
8. Britto FR, Samperiz MMF. Communication difficulties and strategies used by the nurses and their team in caring for the hearing impaired. Einstein [Internet]. 2010 Jan/Mar [cited 2012 August 2];8(1):[about 6p]. Available from: <http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/1339-Einsteinv8n1p80-85.pdf>
9. Pontes AC, Leitão IMTA, Ramos IC. Comunicação terapêutica em enfermagem: instrumento essencial do cuidado. Rev bras enferm [Internet]. 2008 May/June [cited Aug 8];61(3):[about 7p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n3/a06v61n3.pdf>
10. Costa KNFM, Pagliuca LMF, Almeida PC de, Cardoso MVLML, Rebouças CBA. Aspectos da comunicação verbal entre enfermeiros e pessoas com deficiência visual. Rev RENE [Internet]. 2009 Apr/June [cited 2012 Aug 8];10(2):[about 8 p]. Available from: http://www.revistarene.ufc.br/10.2/html/10_2_2.html
11. Ministério da Saúde (Brasil). Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução Nº 196 de 10 de outubro de 1996: aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 83-91p.
12. Bardin L. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo, SP: Edições 70; 2011.
13. Rebouças CBA, Cezario KG, Oliveira PMP de, Pagliuca LMF. Pessoa com deficiência física e sensorial: percepção de alunos da graduação em enfermagem. Acta paul enferm [Internet]. 2011 Jan/Feb [cited 2012 Aug 8];24(1):[about 7 p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v24n1/v24n1a12.pdf>
14. Braga EM, Silva MJP da. How Communication experts Express communicative competence. Interface comun saúde educ [Internet]. 2010 July/Sept [cited 2012 Aug 8];14(34):[about 10 p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n34/aop0910.pdf>
15. Lima JTS, Oliveira DMS de, Costa TF da, Freitas FFQ, Alves SRP, Costa KNFM. Comunicação terapêutica e não terapêutica entre enfermeiros e idosos hospitalizados. Rev enferm UFPE on line [Internet]. 2012 July [cited 2012 Aug 8];6(7):[about 9 p]. Available from: http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/2727/pdf_1289
16. Castro SS, Lefèvre F, Lefèvre AMC, Cesar CLG. Acessibilidade aos serviços de saúde por pessoas com deficiência. Rev saúde pública [Internet]. 2011 Jan/Feb [cited 2012 Aug 8];45(1):[about 7 p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v45n1/2073.pdf>
17. Ministério da Educação (Brasil) Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES Nº 3 de 07 de

Trigueiro Filho EPS, Silva JPG da, Freitas FFQS et al.

Percepção de discentes de enfermagem sobre...

novembro de 2001: institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em enfermagem. Diário Oficial da República Federativa da União. Brasília, DF, 9 nov; 2001. Seção 1, p.37.

18. Ministério da Saúde (Brasil). Secretaria Executiva, Direitos dos usuários dos serviços e das ações de saúde no Brasil: legislação federal compilada - 1974 a 2006. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2007. 494 p.

19. Cogo ALP, Silveira DT, Pedro ENR, Tanaka RY, Catalan VM. Aprendizagem de sinais vitais utilizando objetos educacionais digitais: opinião de discentes de enfermagem. Rev gaucha enferm [Internet]. 2010 Sept [cited 2012 Aug 8];31(3):[about 7 p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v31n3/v31n3a05.pdf>

20. Pagliuca LMF, Fiúza NLG, Rebouças CBA. Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2007 July/Aug/Sept [cited 2012 August 5];41(3):[about 8 p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/10.pdf>

21. Ordahi LF, Padilha MICS, Souza LNA de. Comunicação entre a enfermagem e os clientes impossibilitados de comunicação verbal. Rev Lat Am Enfermagem [Internet]. 2007 Sept/Oct [cited 2012 August 8];15(5):[about 9 p]. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n5/pt_v15n5a12.pdf

22. Freitas FV de, Rezende Filho LA. Modelos de comunicação e uso de impressos na educação em saúde: uma pesquisa bibliográfica. Interface comun saúde educ [Internet]. 2011 Jan/Feb/Mar [cited 2012 Aug 8];15(36):[about 13 p]. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/icse/2010ahead/aop4510.pdf>

Submissão: 25/06/2012

Aceito: 11/01/2013

Publicado: 01/03/2013

Correspondência

Fabiana Ferraz Queiroga Freitas

Edifício Zenitte

Avenida Pombal, 630 / Ap. 203 — Manaíra

CEP: 58038-241 — João Pessoa (PB), Brasil